

SIMPÓSIO AT117

VOZES DA LITERATURA E DA LEITURA: DAS MARGENS QUE DE TORNAM BORDAS

A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE EM CAPÃO PECADO, DE FERRÉZ.

BENJAMIM, Suelem M.

Universidade do Estado do Amazonas - UEA

subenjamim@gmail.com

Resumo: A representação dos excluídos tem sido problemática na literatura brasileira. A “literatura marginal” renova esse panorama, com o objetivo de representar o permanente diálogo entre literatura e sociedade. O objetivo aqui avaliar a representação da criança/adolescente em estado de vulnerabilidade social, na obra “Capão Pecado” (2000), de FERRÉZ, um dos mais prestigiados autores da “literatura marginal” e, assim, mensurar qual o lugar dessas figuras nesta produção ficcional. Apesar de o tema alcançar cada vez mais força nas pautas sociais, verifica-se a pouca incidência desses personagens na literatura, salientando que uma minoria ocupa a posição de protagonista nas narrativas, justificando assim essa pesquisa, que se utiliza do método bibliográfico de investigação, explorando as referências teóricas já publicadas e analisadas, além de sites e blogs. As bases teóricas principais são: Dalcastagnè (2012); Barreto (2006); Bosi (2002, 1995), Stegagno-Picchio (2004), Foucault (2014). A obra de Ferréz tematiza esses atores literários e sociais, numa narrativa que tem muito de autobiográfica, voltando-se para a representação da população entregue à própria sorte, cujas crianças e adolescentes sem alternativas são cooptados pelo crime, esbarando nas muralhas sociais. A literatura “do real” de Ferréz faz da ficção arma de resistência e denúncia, sem se preocupar com paradigmas literários, pretende que sua voz seja ouvida e reconhecida, ecoando como uma bofetada, como um grito contra o sistema. Observamos então que essa literatura de resistência/denúncia feita por Ferréz é uma resposta dada à história e à cultura para a questão da miséria, da exclusão e da desigualdade social; são as vozes da periferia que se inserem no movimento da Literatura Marginal, como ficção e testemunho.

Palavras-chaves: representação; literatura; margina; infância; FERRÉZ

Abstract: The representation of the excluded has been problematic in Brazilian literature. The "marginal literature" renews this panorama, with the aim of representing the permanent dialogue between literature and society. The objective here is to evaluate the representation of the child / adolescent in a state of social vulnerability, in the work "Capão Pecado" (2000), by FERRÉZ, one of the most prestigious authors of "marginal literature" and thus measure the place of these figures in this fictional production. In spite of the fact that the subject reaches more and more force in the social patterns, it is verified the low

incidence of these characters in the literature, emphasizing that a minority occupies the position of protagonist in the narratives, thus justifying this research, that uses the bibliographic method of investigation, exploring the theoretical references already published and analyzed, as well as websites and blogs. The main theoretical bases are: Dalcastagnè (2012); Barreto (2006); Bosi (2002, 1995), Stegagno-Picchio (2004), Foucault (2014). Ferréz's work thematizes these literary and social actors in a narrative that has a lot of autobiographical, turning to the representation of the population given to fate, whose children and adolescents without alternatives are co-opted by crime, stumbling on the social walls. Ferréz's "real" literature, which makes fiction a weapon of resistance and denunciation, without worrying about literary paradigms, wants his voice to be heard and recognized, echoing like a slap, as a cry against the system. We note then that this literature of resistance / denunciation made by Ferréz is a response given to history and culture to the issue of misery, exclusion and social inequality; are the voices of the periphery that are inserted in the movement of the Marginal Literature, like fiction and testimony.

Keywords: representation; literature; margina; childhood; FERRÉZ .

Introdução

Durante o curso de Letras, tivemos contato com vários autores e textos de vários contextos, observando que o espaço da criança e do adolescente à margem era raro na literatura brasileira: os “meninos de engenho” e os “ateneus” pertenciam a outras categorias sociais. Assim como as crianças, os índios, os negros, os estrangeiros quase sempre figuravam como personagens secundários. E nos indagávamos: haveria uma correlação entre a negação de direitos e a representação ficcional? E este trabalho, de algum modo, pretende buscar uma resposta para esta indagação.

Dalcastagnè (2012,166) observa que a incidência de personagens crianças e adolescentes ainda é pequena, traçando um mapa das ausências a partir das narrativas pesquisadas: pertencentes à infância 7,9% são do sexo masculino e 6,4% do sexo feminino. E nota-se que uma minoria ocupa a posição de protagonista nas narrativas. Trata-se de um número ainda tímido, diante de um assunto que alcança, cada vez mais, força nas pautas sociais.

Há, no entanto, narrativas que rompem certas barreiras, e “Capão Pecado”, de Ferréz, é uma delas que tematiza a criança e o adolescente em estado de vulnerabilidade, a mercê das armadilhas criadas pela desigualdade

social. Ferréz publica “Capão Pecado”, retratando a periferia da grande capital e do capital, numa narrativa que tem muito de autobiográfica, voltando-se para a população entregue à própria sorte, onde as crianças e adolescentes sem alternativas são cooptados pelo crime, sem possibilidade de superação das muralhas sociais.

Pretendemos compreender, assim, qual o espaço concedido às crianças e adolescentes na narrativa de FERRÉZ, lançamos mão de sua obra mais lida no momento “Capão Pecado”.

1. Do autor e da obra

Nos compêndios mais tradicionais de literatura brasileira encontramos poucas referências a Ferréz e sua obra “Capão Pecado”, publicada no início da década de 1990, mas, esse fato não nos causa espanto, pois Ferréz pertence a um grupo literário pouco aclamado em editoras renomadas. O autor se auto intitula “escritor marginal” e sua obra ao mesmo que se realiza como ficção também é o relato “cru” de todas as situações atrozizadas vivenciadas diariamente nas ruas e vielas da comunidade do Capão Redondo. Pela escassez de informações nos cânones literários, temos que recorrer aos meios alternativos, como blogs, artigos e páginas na internet para aprofundar conhecimentos sobre Ferréz e sua obra.

Ferréz nasceu Reginaldo Ferreira da Silva (29.12.1975), em São Paulo, nas “quebradas” de Valo Velho. Na adolescência, por necessidade, a família se transfere para o Capão Redondo, bairro da zona sul de São Paulo. Criou seu pseudônimo da união de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião (FERRE) e Zumbi (Z). Aluno nada exemplar era considerado desatento, mas mantinha boas notas. Apaixonado pelos livros tinha em Máximo Gorki, autor russo, e roteirista de quadrinhos Garth Ennis¹ são suas referências declaradas. Seu primeiro livro foi poesia, “Paraíso da Desilusão”, lançado em 1997.

¹ Garth Ennis (1970) é um roteirista de histórias em quadrinhos norte-irlandês. Seu personagem mais conhecido é o Justiceiro (The Punisher), anti-herói violento, sempre em luta contra a organização criminosa dos Gnucci, chefiada pela maligna matriarca Ma Gnucci. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Garth_Ennis. Acessado em 29.11.2017.

As crianças e adolescentes representadas em “Capão Pecado” coexistem com todo tipo de atrocidades; as famílias desestruturadas dividem seus filhos com o crime e as drogas, No Capão todos tentam ter uma vida melhor, seja por meio de estudos e trabalhos, seja por meio de crimes e contravenções. As histórias que ali ocorrem apresentam sempre finais trágicos, manchados do sangue que escorre dos buracos de bala.

O contexto histórico do autor Ferréz se dá em época de transformações na sociedade brasileira, se realiza concomitantemente ao processo de democratização do país, do arrefecimento da censura antes imposta e de certa estabilidade econômica que, no entanto, deixa intocada a desigualdade social. Sua narrativa hiper-realista e autobiográfica está impregnada da matéria social: a parcela da sociedade que está entregue à própria sorte. Utilizando uma linguagem tão brutal quanto à realidade que representa, Ferréz se identifica com o Hip Hop, movimento criado pelo norte-americano Afrika Bambaataa, como meio de denúncia e de exposição das culturas dos guetos americanos. Procura nessa cultura dar voz para suas vivências e ficções que advém delas, tem assim encontrado o lugar de sua fala e da fala de sua comunidade, um disparo coletivo de que se arma da literatura como material bélico para ultrapassar os limites e fronteiras e se fazer sentir e ouvir de todos os ângulos da esfera social a realidade que muitos fingem não ver, por ignorância ou egoísmo.

2. Da polifonia

Uma peculiaridade do procedimento artístico da narrativa é a polifonia: além da voz do narrador, coexistem outras vozes que são percebidas e representadas, que não se misturam à voz narrativa subjetiva de Ferréz ou dos personagens.

Ferréz lança mão de duas estratégias principais, uma de elementos paratextuais do livro, nota do autor e o posfácio, o escritor dirige-se ao leitor interessado ou de alguma forma participantes da construção da “ficção da realidade”, como o autor classifica sua narrativa. A outra voz se expressa através de manifestos, que interferem no percurso narrativo, para expressar a

posição de grupos da comunidade. No primeiro, intitulado +1 AKIM, Ração fala em nome dos “guerreiros” da 1DASUL². Ainda observamos o manifesto não assinado (“Outraversão”), seguido de dois outros assinados por Negrodo (“Talvez seja melhor seguir a honestidade”) e Garrett (“C.R. campo de guerra da nova era”). Todos marcados pela oralidade, como toda narrativa. Os manifestos permitem ao leitor ouvir/ler o discurso da periferia, a denúncia dos infortúnios vividos por seus habitantes, são as vozes do movimento *hip-hop* ao qual o escritor é ligado.

3. Dos grupos comunitários e das famílias

Capão Pecado traz a representação da vida em comunidade, uma nova designação para as favelas, que ocupa território geograficamente definido, que compartilha da mesma miséria econômica e cultural e que vive à margem do poder público. Os adolescentes e crianças habitam, com suas famílias, casas em espaços precários. Os personagens eventualmente se unem para realizar os chamados “corres”, pequenos furtos, arrombamentos de residências, depois, se dispersam e tornam-se os “guerreiros”, os justiceiros, indicando um clima de guerra permanente entre rivais da mesma ou de outras comunidades.

Há nessa comunidade regras para a sobrevivência nas ruas, evitando os assaltos, os estupros, os homicídios. Há horários e lugares que devem ser evitados, por serem pontos de acerto de contas e de venda de drogas, além de toques de recolher impostos pelo tráfico. Não há liberdade para andar no Capão, pois ninguém sabe onde mora o perigo. e andar” em terras mais felizes.

Os personagens adolescentes de “Capão Pecado” têm, ou pelo menos, moram com as suas famílias destroçadas pelas mazelas sociais. A renda insuficiente das famílias leva os filhos a trabalhar desde cedo para complementar renda familiar. Os que não trabalham são facilmente cooptados pelo crime organizado, servindo o dinheiro ganho apenas para alimentar o vício

² 1DASUL, fundada em 1º de abril de 1999 por Ração e FERRÉZ tem como ideia central ser uma marca da periferia, feita e usada por pessoas do bairro. O nome vem da ideia de que todos são um pela dignidade da Zona Sul. O desafio é ser uma marca do Capão Redondo como resposta à toda violência imputada à comunidade. Fonte: ferrez.blogspot.com. Acessado em 29.11.2017.

de drogas que carregam. O autor faz questão de demonstrar como as famílias à margem estão contaminadas e adoecidas pelas dificuldades que enfrentam; muitas vezes não têm atitude frente aos problemas enfrentados pelos adolescentes, vivenciando assassinatos, o vício das drogas e os roubos como coisas naturais.

4. Da religiosidade e da morte

O motivo ou sub-tema religioso de “Capão Pecado” Arriscamos afirmar que estamos diante de uma religiosidade fraturada, marcada pelo desgaste das religiões hegemônicas, e pela ascensão da religião de mercado, que promete o paraíso a baixo custo. Não há vínculos significativos dos personagens com a esfera religiosa. A esperança para os jovens é a cultura periférica, como expressa um dos manifestos:

O foco da esperança está nos muros grafitados, nos bailes feitos nas quadras das escolas, nos pipas no céu, e nos movimentos em prol da cultura, desde fanzines as organizações que ainda resistem aqui.

Mas a real é que os bares continuam abertos, o resto da feira traz mau cheiro e faz o evangélico dizer:

- Misericórdia.

Mas essa palavra não tem serventia aqui [...] (FERRÉZ, 2009,1/4)

Quanto à morte, esta ronda o espaço do romance de Ferréz ao longo de toda a narrativa. Dos quarenta e três personagens infanto-juvenis representados no livro, treze morrem de maneira violenta, vítimas de armas de fogo e/ou armas branca, em circunstâncias brutais: por encomenda de traficantes, em conflito com a polícia, motivos banais, rivalidade entre bandos e chacinas.

5. Do desfecho

Ferréz constrói um narrador heterodiegético que testemunha o cotidiano de um personagem, Rael, e os acontecimentos de Capão Redondo, de forma objetiva, sem se envolver com eles. O protagonista é um letrado, um escritor,

que convive com a pobreza, conseguindo manter-se íntegro, por algum tempo. Apesar de diferente da maioria das personagens, é vítima da violência do lugar onde vive: apaixonado por Paula e, por causa dela, se torna um criminoso, ao executar o patrão com quem a mulher tinha um relacionamento amoroso; preso, é assassinado pelo colega de cela com uma caneta no ouvido.

Para os personagens de Capão Redondo, não há saída nem redenção: é a morte ou bandidagem. Segundo Dalcastagnè (2012,45), na narrativa de Ferréz, “temos a impressão de ver a favela pelo lado de dentro”, tal o efeito de realidade que provoca ao representar as condições dos excluídos. O narrador, pretende chocar, ao evocar a realidade bruta. Não há heróis, mas personagens, trabalhadores, aprisionados às suas condições de vida e que acabam por virar estatística criminal.

6. Conclusão

Nosso trabalho pretendeu compreender o espaço pertencente à criança e ao adolescente dentro do espaço ficcional da literatura de FERRÉZ.

Para delimitar e classificar de maneira mais simples, lançamos mão do dispositivo legal brasileiro, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Lei 8.069 de 1990 – que regulamenta no Brasil, a faixa etária de até 12 anos incompletos, para crianças e, 18 anos completos, para adolescentes, considerando-os como **prioridade absoluta**, em quaisquer pautas.

Capão Pecado abordar tema relevante para sociedade brasileira ao denunciar, a evolução de um problema não resolvido: a vulnerabilidade social de crianças e adolescentes.

Durante boa parte da história do Brasil, as crianças foram esquecidas como sujeitos de direitos e como protagonistas da ficção. Mesmo em “Capão Pecado” (2000), ambientado na década de 90, quando já havia dez anos da homologação do ECA³, predominam antigos paradigmas.

Em “Capão Pecado”, a instituição da Polícia Militar é mais uma mão repressiva que protetiva. Age de forma truculenta e, muitas vezes, é cúmplice

³ ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente / Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

das atrocidades ocorridas na comunidade. O abandono pelo restante das instituições e a atuação descabida da polícia é destacada em um dos manifestos do livro, no qual Negredo afirma:

Aí, como sou preto, vem o preconceito racial, policiais despreparados agredindo, espancando. Os políticos na profunda corrupção, desordem antiga contribuindo para o sufoco do povão. (NEGREDO apud FERRÉZ, 2000,p.140)

A literatura “do real” é representada cruelmente por Ferréz, que faz da ficção arma de resistência e denúncia, sem se preocupar com paradigmas literários, mas pretendendo que sua voz seja ouvida e reconhecida; sua voz ecoa como uma bofetada, como um grito contra o sistema.

Observamos então que essa literatura de “marginal” feita por Ferréz é uma resposta dada à história, para a questão da miséria, da exclusão e da desigualdade social. A literatura é ficção, mas também testemunha das mudanças e uma forma de registro de cada época ou problema social; assim leva a sua voz e sua mensagem à humanidade.

Referências

BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

BRASIL. Lei nº8.069, **Estatuto da Criança e do Adolescente – Eca**, 13 de julho de 1990.

DALCASTEGNÉ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea – um território contestado**. Vinhedo, Editora Horizonte, 2012.

FERRÉZ. **Capão Pecado**. São Paulo, Editora Planeta, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. São Paulo, Graal, 2003.

_____. **Vigiar e Punir – nascimento da prisão**. Rio de Janeiro, Vozes, 2014.